

Sumário

Introdução.....	2
O papel da mídia e do jornal “O Globo”.....	3
Primeira matéria: A ‘Rambla’ de Manguinhos.....	5
Segunda matéria: <i>PAC terá plano de segurança em até 15 dias..</i>	10
Considerações Finais.....	13
Referência Bibliográficas.....	16
Anexo 1.....	17
Anexo 2	18

Introdução

O presente trabalho busca contribuir para uma avaliação do projeto de urbanização do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no complexo de favelas de Manguinhos na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Esta é uma avaliação que ainda está em curso, visto que sua apresentação ao Encontro de Geógrafos da América Latina antecederá as finalizações do projeto urbanístico.

O autor visa entender quais serão as possíveis re-funcionalizações que tal espaço sofrerá diante da forte *estigmatização de área violenta*, em especial no trecho conhecido como “Faixa de Gaza”, onde serão realizadas diversas obras do PAC.

“Faixa de Gaza” é como foi apelidada pela polícia e por cariocas a Avenida Leopoldo Bulhões, via que margeia as diversas favelas e comunidades de manguinhos devido aos freqüentes tiroteios entre supostos confrontos entre traficantes de drogas e polícia. A área muito estigmatizada como violenta recebeu este apelido numa alusão ao território da Faixa de Gaza no Oriente Médio, grande palco das tensões entre israelenses e árabes. É através dessa via o principal acesso da favela as incursões da polícia com o uso de carros blindados.

A área sofrerá modificações pelo PAC através de um projeto urbanístico do arquiteto argentino Jorge Jáuregui. Em seu projeto a

linha férrea da avenida será suspensa e será possível a criação de um passeio público com área de lazer e quiosques inspirado na “Rambla” de Barcelona.

O autor irá se deter na análise de duas matérias do jornal “O Globo” intituladas “A ‘Rambla’ de Manguinhos” e “PAC terá plano de segurança em até 15 dias”, veiculadas, respectivamente, na quarta-feira dia 8 de outubro de 2008 e na terça-feira dia 14 de outubro de 2008. Ambas as matérias se referem às obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no complexo de favelas de Manguinhos no Rio de Janeiro. A segunda etapa desse projeto de pesquisa, que ainda não foi realizada, são entrevistas com os moradores para entender a percepção destes com relação a tais modificações.

O trabalho está estruturado em quatro partes. Primeiro, será feita uma breve discussão sobre o papel da mídia em relação ao medo da criminalidade violenta a partir de uma contextualização da linha editorial do “O Globo”. A segunda e terceira parte serão dedicadas à análise de cada uma das matérias para, então, consubstanciar a elaboração de considerações finais a partir de um diálogo entre as duas notícias.

O papel da mídia e do jornal “O Globo”

O jornal “O Globo” é o mais importante diário carioca e possui projeção nacional vendendo nos dias úteis cerca de 350 a 400 mil exemplares. Os leitores do jornal são principalmente da classe

média e se encontram principalmente nos bairros da zona sul (área mais nobre da cidade), e bairros tradicionais da zona norte.¹

A escolha deste jornal para realizar a análise das matérias ocorreu devido a levantamentos² que demonstram como o Jornal tem se utilizado da expressão “guerra civil” e outras metáforas da guerra para designar a situação de violência urbana em cidades como o Rio de Janeiro. O uso dessas metáforas pela mídia contribui para aumentar a sensação de medo e insegurança na cidade.

Souza³ alerta que não é o caso de simplificar e interpretar essas metáforas pela mídia como um exagero sensacionalista, pois de fato a criminalidade violenta é uma séria realidade nas grandes cidades. Contudo, tratar a questão como uma guerra civil convencional - que não existe por não haver uma disputa político-ideológica por tomada de poder, nem entre grupos étnicos ou duas nações - é perigoso e indevido, pois corre-se o risco de tratar a situação como um desafio militar contra um “inimigo externo”.

O papel da mídia na construção do imaginário social desse inimigo tem sido muito relevante. No Rio de Janeiro, existe uma forte estigmatização sócio-espacial com relação às favelas que são

¹ Ver Francisco Doria disponível em: <http://64.233.179.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:5vgNajVLoDkJ:www.facom.ufjf.br/lumina/R1-FranciscoDoria-HP.pdf> e Sylvia Moretohn disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moretzsohn-sylvia-imprensa-criminologia.html

² SOUZA (2008:27)

³ Ibid P. 31

constantemente tratadas pela mídia como o “*locus do mal*”.⁴ O jornal “O Globo” tem uma grande responsabilidade nessa construção como mostra Maria de Fátima Cabral⁵. Ela exalta que a criminalização e repressão contra as populações mais pobres habitantes de favelas têm sido estimuladas em matérias do mesmo jornal como, por exemplo, *Favela agora é caso de Polícia*, que fez parte de uma campanha de 2005 do jornal intitulada *Illegal. E daí Segundo Cabral*, tal campanha trazia uma série de reportagens que cobravam medidas do poder público, na maioria das vezes, puramente repressivas, com relação ao crescimento das favelas, utilizando-se, basicamente, do discurso da degradação ambiental, sem se aprofundar nas alternativas e em políticas de habitação.

Primeira matéria: A ‘Rambla’ de Manguinhos

A primeira matéria escolhida para a análise do trabalho, A ‘*Rambla*’ de Manguinhos foi veiculada no dia 8 de outubro de 2008, na página 22 da sessão *RIO* e o jornalista responsável foi Rogério Daflon e publicada na.

Em particular, a notícia que será analisada se encontra numa página do jornal cujo os assuntos são uma espécie de curiosidades e entretenimento, como a Coluna do jornalista Ancelmo Gois e *cartoon* de Miguel Paiva . Da mesma forma, a matéria é tratada: com pouca profundidade, sem o cuidado que um assunto tão importante mereceria.

⁴ Sylvia Moretzohn disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moretzsohn-sylvia-imprensa-criminologia.html.

⁵ Maria de Fátima Cabral disponível em <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/51.htm>

A notícia é sobre o projeto urbanístico e arquitetônico da Favela de Manguinhos na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), de autoria do arquiteto Jorge Jáuregui⁶. Segundo o jornalista, o arquiteto revelou que pretende pôr um fim no *estigma de violência que beira a via férrea da Avenida Leopoldo Bulhões*, denominada pelo jornal como Faixa de Gaza⁷.

Dois pontos chamaram a atenção do autor para orientar a análise desta matéria: primeiro a forma como o jornalista se refere ao local com o uso da metáfora *Faixa de Gaza* e como ele se posiciona em relação à proposta do arquiteto e; como segundo ponto, buscar o fundamento para a pretensão do arquiteto de, através de um simples projeto de intervenção urbana, fazer a *transformação para combater a cidade partida*. O projeto propõe a construção, na Avenida Leopoldo Bulhões, de um passeio público inspirado numa famosa rua de lazer e compras na cidade de Barcelona na Espanha.

Como já foi citado anteriormente, o uso de metáforas pela mídia contribui para a sensação de medo e para uma visão equivocada dos problemas e soluções para a violência urbana. Não se trata de dizer que não existe violência na cidade e que ela não possui sua gravidade, mas sim de que a metáfora da guerra nos leva a pensar de uma forma bastante simplista, a realidade e

⁶ O Arquiteto Jorge Jáuregui também é o autor do projeto de urbanização para o PAC do Complexo do Alemão.

⁷ Ver anexo 1

dinâmica sócio-espaciais das cidades brasileiras, no caso, o Rio de Janeiro.

A *Faixa de Gaza* a que o jornal se refere é o território situado no Oriente Médio, palco de disputas e da guerra entre israelenses e árabes, limitado a norte e a leste por Israel e, ao sul, pelo Egito. Apesar de se tratar de uma situação bastante diferente, o jornalista reforça a metáfora e afirma que na Avenida Leopoldo Bulhões, ocorrem sucessivos tiroteios. O tom da matéria em questão consolida o *estigma de violência* na região, porque a associação da *Faixa de Gaza* com o local é feita com extrema naturalidade pelo jornalista.

A proposta do arquiteto de por um fim no *estigma de violência* é por si só bastante polêmica. De que forma isso seria possível? Para tal, seria preciso entender os motivos que levam essa estigmatização. Contudo, a forma como o arquiteto trata essa questão é bastante limitada e numa escala muito local, pois ele ressalta que o fim desse estigma será da violência que *beira a via férrea*.

Devemos lembrar que O GLOBO é um jornal direcionado basicamente para as classes médias, ou seja, não ao perfil do morador de Manguinhos, mas sim a um morador que possivelmente possui um carro e que possa vir a passar pela Avenida. Levando isso em consideração, podemos interpretar esse fim do estigma da violência, não como algo que irá atacar as causas da criminalidade e eliminar as barreiras do preconceito para então melhorar a auto-estima dos moradores das favelas da região, mas sim como algo

que tentará diminuir a percepção de perigo e medo dos motoristas que naquela avenida passarem.

Um conceito importante para se pensar esse projeto é o de “espaços defensáveis”. Essa idéia foi criada pelo arquiteto Oscar Newman e segue a premissa básica que o crime pode ser controlado, e inibido por meio de alterações no substrato espacial, ou seja, no ambiente construído. A proposta de elevação da via férrea para a construção de um passeio público muito se parece, segundo Souza, com o pensamento de se criar um:

senso de propriedade’ da coletividade em relação ao espaço público e facilitar múltiplas possibilidades de controle ‘comunitário’ sobre o uso dos espaços de um coletivo, minimizando (...) as chances de cometimentos de delitos⁸

Contudo, apesar de ser uma idéia bastante atraente a primeira vista, alerta-se para outras formas de interpretações. A realização desse projeto não quer dizer que haverá uma mudança na política de segurança pública da cidade. Até muito pelo contrário, a alteração na estrutura espacial numa área de importante acesso à favela vai facilitar as incursões da polícia. Essa é um possível objetivo do qual a matéria não aborda diretamente, mas que o jornalista deixa transparecer pela fala do arquiteto: *Sei que se trata de uma área perigosa. Mas o PAC é tocado com toda atenção da Secretaria de Segurança.*

Além disso, cabe destacar que, tais alterações demandadas pelo projeto implicarão nas remoções de inúmeras casas, sobre as quais, a matéria nem sequer menciona. Muito menos para informar

⁸ SOUZA. 2008. p. 202

o destino dos moradores dessas casas e qual o nível de participação da população atingida diretamente nesse processo.

Não podemos deixar de considerar a dimensão simbólica desse projeto. A alteração urbanística vai gerar também uma mudança na paisagem para quem passa pela Avenida. *A paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.*⁹ Como já foi comentado anteriormente, com um papel preponderante da mídia, a paisagem da favela é associada, pelo imaginário social dos moradores de classe média, principalmente à violência e ao tráfico de drogas. Por outro lado, as formas arquitetônicas modernistas inspiradas em Barcelona (símbolo de cidade com gestão com Planejamento estratégico) carregam uma imagem do *desenvolvimento* na idéia de *cidade global*.¹⁰

O autor não tem como objetivo aqui aprofundar esta questão dos simbolismos, mas ela não pode ser deixada de lado ao se observar, como ilustração da matéria, uma imagem com uma perspectiva de parte do projeto. Nela, aparece uma avenida arborizada, com construções modernistas e onde não se vê sequer um barraco de favela à vista. A sensação que se quer gerar ao motorista, ao passar pela avenida, é o de estar num outro lugar, mais seguro e moderno, mas sem necessariamente realizar transformações no *status quo*.

⁹ MEINIG. p 35

¹⁰ ARANTES. 2000

Entretanto, o arquiteto afirma ainda, que é dessa forma que se combate também a segregação: *O lugar foi projetado para ser um ponto de encontro de diferenças e não de separação e segregação. É isso que temos que combater na cidade partida.* Mas mesmo esse argumento não é eficaz, visto que, nem numa escala bastante reduzida, a segregação residencial de um grupo social por outro é amenizada, pois o projeto busca interligar duas áreas de favelas à beira da avenida: a segregação com a “cidade formal”¹¹ e os bairros mais ricos é mantida.

O jornalista Rogério Daflon se posiciona, no último parágrafo, com relação ao projeto dizendo que o *desafio é grande*, reforçando ainda mais uma semelhança com a *faixa de gaza*:

Sempre lotada de turistas, a ‘Rambla’ de Barcelona, é um lugar para pedestres, de caminhadas, cafés, restaurantes, floriculturas e artistas de rua. Nela há batedores de carteiras, mas nada que remeta à histórica briga territorial do Oriente Médio.¹²

Assim como no Programa Favela-Bairro¹³, é importante que o PAC

não se restrinja a idéia da urbanização de um favela a uma simples remodelação urbanística do espaço, vendo-a, isso sim, como um processo de eliminação da barreira de preconceitos que separa as cidades “legal”(bairros comuns) e “ilegal”(favelas).¹⁴

III Segunda matéria: PAC terá plano de segurança em até 15 dias

¹¹ As aspas se devem a ponderação de que nem sempre a cidade dita formal está totalmente dentro da legalidade.

¹² Anexo 1

¹³ Título dado ao Programa de urbanização de favelas da prefeitura do Rio de Janeiro, desde 1995

¹⁴ SOUZA.2000.p.74.

A segunda matéria escolhida para a análise do trabalho foi *PAC terá plano de segurança em até 15 dias*, veiculada no dia 14 de outubro de 2008, na página 20 na sessão *RIO*. Os jornalistas responsáveis foram Emanuel Alencar, Taís Mendes e Vera Araújo.

A notícia trata da suspensão das obras do PAC de Manguinhos na Avenida Leopoldo Bulhões. Segundo a matéria, o pedido de um plano de segurança foi feito pelo secretário de Segurança do Estado José Mariano Beltrame e pelo secretário de Obras Luiz Fernando Pezão, alegando que, a necessidade de interdição, para a execução da obra, de um trecho de uma das pistas da Avenida Leopoldo Bulhões, facilitaria a ação de criminosos e a região apresentaria riscos para pessoas que trabalham no projeto e para os motoristas que utilizam a avenida.

Os pontos que chamam a atenção para a orientação da análise dessa matéria, foram: as estratégias sugeridas para o plano de segurança e a forma como os jornalistas e o próprio secretário de segurança associam a presença de risco a determinados agentes e espaços. Além disso, a matéria será um interessante contraponto de discussão e comparação com a primeira matéria, pois elas abordam sobre uma mesma obra e região.

a interdição de um trecho de dois quilômetros da Avenida Leopoldo Bulhões- conhecida como 'Faixa de Gaza'- foi adiada para evitar que os motoristas ficassem expostos à ação de criminosos das favelas de Mandela e de Manguinhos.¹⁵

¹⁵ Anexo 2

Encontra-se no trecho em destaque acima, novamente uma alusão à “Faixa de Gaza”, mostrando que essa metáfora não é algo corriqueiro nos noticiários do jornal O Globo. Contudo o que mais precisa ser evidenciado é a forma como os jornalistas associam, sem qualquer tipo de ponderação, a origem dos criminosos à favela de Mandela e a de Manguinhos.

Não se trata de dizer que não existam criminosos nessas favelas. A presença do tráfico de drogas é uma realidade, mas não se pode afirmar que os criminosos que agem nessa Avenida são desses locais. Não só isso, essa associação rápida e fácil do crime contribui *para que o grande público concentre suas atenções - e seus medos e ódios - apenas na ponta do varejo, deixando na sombra os verdadeiros grandes traficantes e seus sócios e facilitadores.*¹⁶

Um medo generalizado, ainda que matizado também ele (de acordo com a classe, a cor da pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência), toma conta de corações e mentes, (re)condicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos-padrão sobre a violência urbana.¹⁷

Essa sensação do medo, sustentada na matéria, pode ser bem contextualizada ao se observar que, a página anterior a que matéria foi publicada, é destinada a apresentar notícias sobre homicídios, assaltos, perseguições e ao Obituário.

A idéia do risco na matéria também possui uma diferenciação em relação a quem está sofrendo o perigo. A preocupação é

¹⁶ SOUZA. 2008. P.61.

¹⁷ IBID. p.54

direcionada aos motoristas que passam na Avenida, e não necessariamente aos moradores da região. Não se fala, por exemplo, nos riscos à segurança que os moradores vão sofrer com o próprio plano de segurança, já que a estratégia incluirá o uso do caveirão circulando diariamente pela avenida.

O “caveirão” é como é conhecido o carro blindado usado em operações da polícia em favelas do Rio de Janeiro. O carro, que mais se parece com um equipamento de guerra, tornou-se símbolo de uma política de segurança violenta que criminaliza e intimida a população pobre. Inclusive já ocorreram diversas campanhas e manifestações organizadas pela sociedade civil, principalmente da população mais pobre e moradores de favelas, contrárias ao uso do veículo.¹⁸

Essas ponderações não são preocupações do jornal “O Globo”, visto que muitas vezes é essa política de segurança que é apoiada e reforçada pelo mesmo.

Considerações finais:

Ambas as matérias falam sobre as obras do Programa de Aceleração do Crescimento de Manguinhos na Avenida Leopoldo bulhões. Na primeira matéria o arquiteto Jorge Jáuregui afirma que pretende por um fim no *estigma de violência que beira a via férrea da Avenida Leopoldo Bulhões e combater a cidade partida* através de um projeto de suspensão da via férrea e construção de um passeio público, inspirado numa rua de compras e lazer na cidade

¹⁸ RIBEIRO. 2008.p.9

de Barcelona. Já a segunda matéria, *PAC terá plano de segurança em até 15 dias*, informa sobre a suspensão das obras por necessidade de garantir a segurança no seu prosseguimento devido à exposição, dos motoristas e pessoas que trabalhem na obra, aos *criminosos das favelas*.

Ambas as matérias trazem indícios de confirmação de que, na realidade, a política de segurança continuará a mesma, como um caso local e de “polícia”, e não como um desafio civil – (sócio)político, (sócio)econômico e cultural. Apesar de a primeira matéria passar a ilusão de que o projeto gerará transformações desse cunho, ele pode servir justamente ao contrário: facilitar o acesso e a entrada da polícia na favela, e remover milhares de famílias de suas casas.

Essa proposição é sustentada de forma mais explícita na segunda matéria, visto que o plano de segurança para a própria obra vai continuar contando com o uso do carro blindado da polícia, o “caveirão” que, tem um histórico de sua atuação servir mais para amedrontar do que para proteger a população moradora de favelas.

A comparação das duas matérias reflete a contradição e superficialidade em se afirmar que o projeto vai por um *fim no estigma da violência* na área. Como isso pode se tornar realidade se persistirem políticas que estimulam ainda mais a cultura da violência, a banalização da vida e a discriminação da população pobre? Além disso, essa pretensão parte da suposição que o estigma da violência naquela via é uma questão local e pode assim ser resolvido ali.

Como afirma Souza:

A política de segurança pública socialmente mais justa e eficaz, no longo prazo é aquela que não é apenas ou imediatamente uma política de segurança pública, mas sim uma política de desenvolvimento sócio-espacial na e da cidade, concebida e implementada nos marcos de esforços de mudança sócio-espacial positiva que levem em conta, também as escalas de problemas e ação supralocais, e nela se ancorem.¹⁹

O jornal “O Globo” vem tendo um papel preponderante em consolidar a associação da violência e do crime às favelas. Como demonstrado, nas matérias em questão faz isso, principalmente, quando reforça o imaginário social com a naturalização de metáforas da guerra, tais com *Faixa de Gaza*, ao se referir à Avenida Leopoldo Bulhões.

É bastante nítido nas duas matérias que a preocupação, riscos e percepções estão direcionados para um leitor de classe média (que possa estar na condição de motorista na Avenida Leopoldo Bulhões), e não para o morador de Manguinhos. Tanto a preocupação do o *fim do estigma da violência*, quanto o dos riscos que levaram ao plano de segurança estão direcionados para a Avenida e os motoristas que nela dirigem, e não para a favela e aos seus moradores.

¹⁹ SOUZA. 2008. p.42

Referências Bibliográficas:

ARANTES, Otília Beatriz Fiori 2000: Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos e MARICATO, Ermínia (orgs.): *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2000. p.11-74

DORIA, Francisco Antônio. Comunicação em Massa. Disponível em: <http://64.233.179.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:5vgNajVLoDkJ:www.facom.ufjf.br/lumina/R1-FranciscoDoria-HP.pdf>. Acesso em 22 out. 2008

GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques. Novas formas de regulação urbana e habitacional - questão de política ou de polícia? <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/51.htm> Acesso em 26 out 2008.

MEINIG, Donald.(2002): O olho que observa: dez versões da mesma cena. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n.3, p.35-46., jan/jun. 2002

MORETZSOHN, Sylvia. Imprensa e criminologia: O papel do jornalismo nas políticas de exclusão social. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moretzsohn-sylvia-imprensa-criminologia.html. Acesso em 26 out. 2008

RIBEIRO,Camilla; DIAS,Rafael; CARVALHO,Sandra: Discursos e práticas na construção de uma política de segurança: O caso do governador Sérgio Cabral Filho(2007-2008). In: JUSTIÇA GLOBAL(org): *Segurança, tráfico e milícias no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böel.2008

SOUZA, Marcelo Lopes de (2000): *O desafio Metropolitano: Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

_____ (2002): *Mudar a Cidade. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ (2008): *Fobópolis: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Anexo 1:

A 'Rambla' de Manguinhos

Arquiteto do PAC quer dar fim a um trecho da 'Faixa de Gaza' da Zona Norte

Rogério Daflon

• O arquiteto argentino Jorge Jáuregui, autor do projeto do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) da Favela de Manguinhos, na Zona Norte, revelou pretender pôr um fim no estigma de violência que beira a via férrea da Avenida Leopoldo Bulhões. Quer transformar um dos trechos da chamada "Faixa de Gaza", onde ocorrem sucessivos tiroteios, num passeio público inspirado na "Rambla" de Barcelona, na Espanha. Em sua prancheta, a ferrovia surge suspensa ao longo de 1,7 quilômetro. A "rambla", portanto, ficará debaixo dos trens.

— A via férrea ficará em cima da nossa "rambla". A idéia foi inspirada mesmo na de Barcelona e quer desmontar real e simbolicamente a divisão que existe naquela área carioca. Estaremos assim conectando dois lugares. O lugar foi projetado para ser um ponto de encontro de diferenças e não de separação e segregação. É isso que temos de combater na cidade partida — afirmou ele.

O arquiteto informou que a "rambla" terá 800 metros. Neles, haverá quiosques com serviços prestados pela mão-de-obra local.

— Dessa forma, não só o morador como também pessoas de bairros vizinhos ou não poderão comprar roupa, computador, consertar bicicleta, a poltrona da casa...Tudo isso com estacio-



PLANTA DO arquiteto Jorge Jáuregui expõe como será o passeio público em Manguinhos

namento ao longo e feito de forma organizada e gerando renda — descreveu Jáuregui, que também está à frente do PAC do Complexo do Alemão.

O passeio público será entre a Estação de Manguinhos e a Divisão de Suprimento do Exército. Nos extremos da rua, com uma área de 350 metros em cada um, a idéia é fazer algo como um mini Aterro do Flamengo, um parque com ênfase no paisagismo e no esporte, com quadras de vôlei, ciclovia e pistas de skate.

• O arquiteto não despreza a complexi-

dade de seu projeto:

— Sei que se trata de uma área perigosa. Mas o PAC é tocado com toda a atenção da Secretaria de Segurança. E essa segurança tem de ser mantida com o projeto pronto.

Seja como for, o desafio é grande. Sempre lotada de turistas, a "Rambla" de Barcelona, é um lugar para pedestres, de caminhadas, cafés, restaurantes, floriculturas e artistas de rua. Nela, há batedores de carteiras, mas nada que remeta à histórica briga territorial do Oriente Médio.

PAC terá plano de segurança em até 15 dias

Estratégia para fazer obra na Avenida Leopoldo Bulhões incluiria uso do caveirão na hora do rush e de faixa reversível

Emanuel Alencar, Taís Mendes
e Vera Araújo

Um dia após suspender parte das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em Manguinhos a pedido do secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, o vice-governador e secretário de Obras, Luiz Fernando Pezão, admitiu que a região apresenta riscos para pessoas que trabalham no projeto e motoristas. Pezão estimou um prazo máximo de dez dias para que a obra retome ao ritmo normal. Beltrame, no entanto, acredita que sejam necessários 15 dias para a secretaria elaborar um plano de segurança que permita a interdição de um trecho de uma das pistas da Avenida Leopoldo Bulhões, no sentido Benfica.

A pista chegou a ser fechada no sábado, mas foi liberada no domingo, por motivo de segurança. O secretário de Segurança determinou que o comando do 22º BPM (Maré) elabore um plano de segurança para a via. Em seu último dia como comandante do quartel da Maré, o tenente-coronel Luigi Gatto, adiantou que a estratégia é manter o veículo blindado, circulando pela Avenida Leopoldo Bulhões, principalmente no horário de rush, das 17h às 22h.

PM defende integração com a CET-Rio

Além disso, segundo Luigi, dois carros da polícia deverão ficar parados na esquina da Leopoldo Bulhões com a Rua Dona Isabel e em frente ao laboratório da Marinha, servindo de apoio ao caveirão.

Uma das alternativas é criar uma faixa reversível na Avenida Leopoldo Bulhões, no sentido Bonsucesso-Benfica, no horário de rush, tanto pela manhã como à noite. Para fazer

isso, temos que trabalhar integrados com a CET-Rio — comentou Luigi, lembrando que seu sucessor, o tenente-coronel Rogério Seixas Cruz, cuidará dos detalhes do plano.

Segundo o secretário de Obras, estão suspensos apenas os serviços que dependem do bloqueio de uma das pistas da Leopoldo Bulhões. O restante das obras, segundo Pezão, estão sendo realizadas normalmente. Ontem, a sinalização que seria usada para fechar a via ocupava o canteiro central. Nove empregados das obras do PAC orientavam os motoristas, e não houve congestionamentos.

—As obras não foram totalmente paralisadas. Estamos fazendo, por exemplo, a instalação dos dormentes da nova linha férrea — disse Pezão.

Projeto prevê área de lazer sob via férrea

A interdição de um trecho de dois quilômetros da Avenida Leopoldo Bulhões — conhecida como "Faixa de Gaza" — foi adiada para evitar que os motoristas ficassem expostos à ação de criminosos das favelas de Mandela e de Manguinhos. Projetada para ser uma alternativa à Avenida Brasil, a Leopoldo Bulhões é palco de constantes conflitos e tiroteios.

A interdição da pista permitirá a elevação da via férrea. Pelo projeto, está prevista a criação de uma área de lazer de seis mil metros quadrados — com campos de futebol, quadra poliesportiva, pista de skate, brinquedos e praças de convivência — sob a linha férrea. Uma ciclovia, com cinco quilômetros de extensão, deverá interligar as comunidades do lugar. ■

O GLOBO NA INTERNET

Já foi vítima da violência na região de Manguinhos?
oglobo.com.br/rio